

Economia - Brasil

ECONOMIA & TRABALHO

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, terça-feira,
16 de maio de 2000

17

EDITOR: André Petry. SUBEDITORA: Verene Wolke. Telefone: 342-1190/342-1191. Fax: 342-1155. E-mail: economia@cbdata.com.br

FHC ADMITE QUE O BRASIL É FRÁGIL E O CRESCIMENTO DEPENDE DE FATORES EXTERNOS

“DE MAL A MENOS MAL”

Da Redação
Com agências Folha e Estado

Rio — Apesar dos números que indicam a recuperação da economia brasileira, o presidente Fernando Henrique Cardoso admitiu ontem que o Brasil continua vulnerável a ataques externos. “Haverá problemas e a continuidade do crescimento econômico vai depender de muitos fatores”, avisou o presidente, na palestra de abertura do 12º Fórum Nacional, na sede do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), no centro do Rio. Apesar das advertências sobre as ameaças que pairam sobre a economia, Fernando Henrique tentou transmitir à plateia formada por políticos, empresários e economistas um pouco de otimismo: “Estamos indo de mal a menos mal.”

Segundo ele, as reservas cambiais não são mais compostas por capital especulativo, que deixa o país ao menor sinal de crise. Hoje, disse o presidente, o dinheiro em moeda forte disponível no país é resultado de investimentos diretos e de empréstimos de longo prazo. “Os tremores repentinos do mercado terão efeito muito menor sobre a solidez da nossa economia”, afirmou Fernando Henrique.

Para evitar o problema, ele destacou que é preciso aumentar a capacidade exportadora do país. E fez cobranças aos empresários. “Não basta dizer que o governo tem de fazer isso, tem que fazer aquilo. Os empresários também têm de gerir melhor suas empresas.” O presidente sabe que as vendas externas são uma fonte importante para o país obter os dólares necessários para cobrir o déficit em conta corrente. Neste ano, a previsão é de que os gastos do Brasil no exterior com importações, contas de turistas e outras despesas em moeda forte fiquem entre US\$ 23 bilhões e US\$ 25 bilhões superiores às receitas.

FLUXOS DE CAPITAL

Além disso, o presidente voltou a defender a democratização dos organismos financeiros internacionais. “Não há um poder legítimo mundial. E há uma ação internacional legitimada que são esses investimentos e esses fluxos de capital muito grandes.” De fato, a globalização da economia tem trazido sérios problemas para o Brasil e outros países emergentes. A vulnerabilidade do país a fatores externos, como lembrou Fernando Henrique, tem sido testada frequentemente desde a crise que derrubou os Tigres Asiáticos no final de 1997. As turbulências internacionais obrigaram o país a desvalorizar o real em janeiro do ano passado. De lá para cá muita coisa mudou. O governo fez ajustes nas contas públicas e conseguiu recolocar a economia nos trilhos do desenvolvimento.

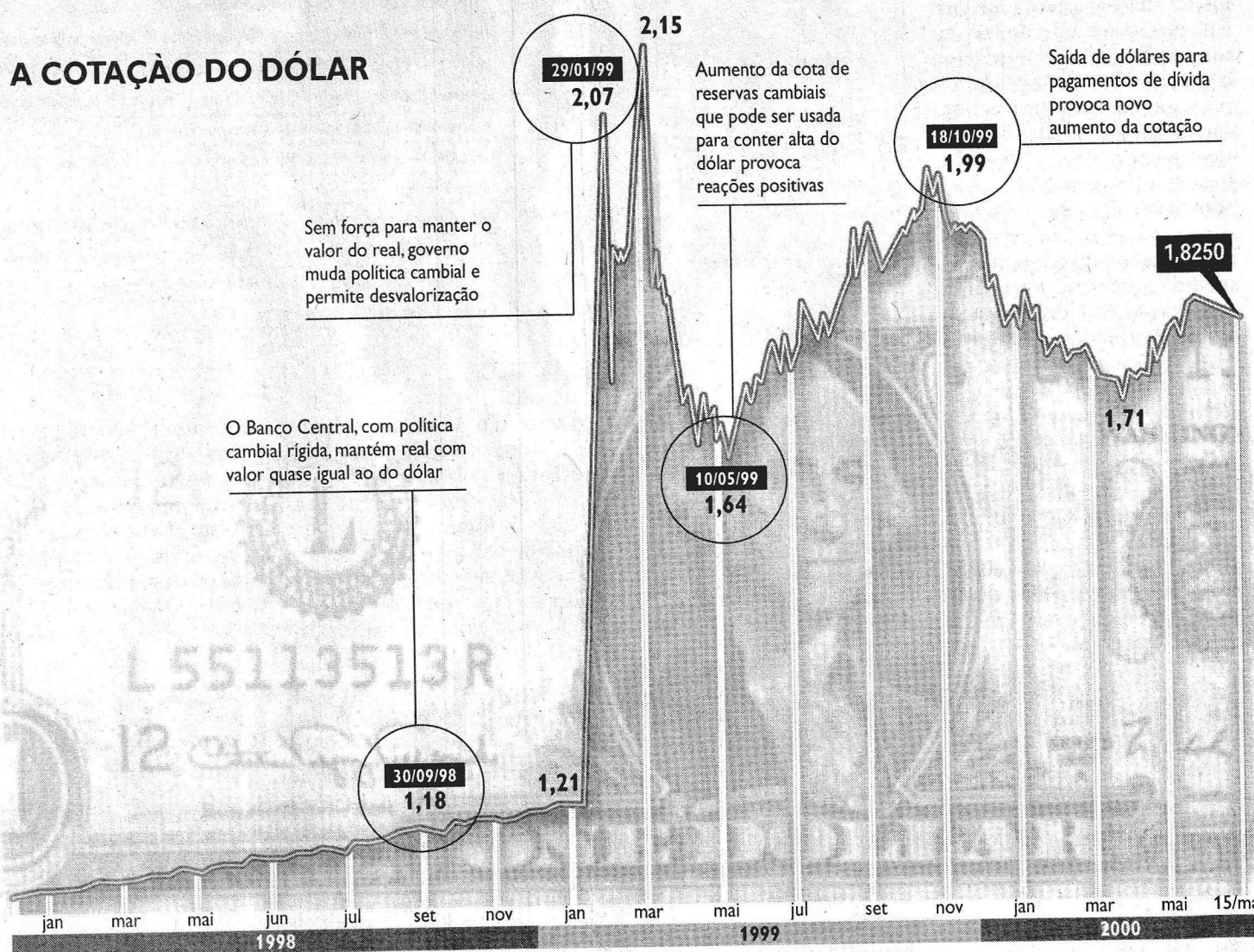
Mas os investidores ainda não confiam plenamente no país. Um exemplo disso é a fuga de capitais estrangeiros da Bolsa de Valores de São Paulo. Somente neste mês, até o dia 10, saíram R\$ 253,6 milhões de recursos externos do pregão paulista. No ano, a sangria de dinheiro estrangeiro atinge R\$ 1,288 bilhão. Os analistas atribuem a fuga do capital externo do mercado brasileiro ao aumento da instabilidade no mercado internacional. Depois da forte correção que derrubou a bolsa norte-americana Nasdaq, que concentra ações de empre-

Oauro Nicotella/AJB



Horst Koehler (E) e Fernando Henrique se encontraram no Rio: FMI admite que a globalização favoreceu os países ricos e prejudicou os pobres

A COTAÇÃO DO DÓLAR



sas de tecnologia, e do temor de que o Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano) possa elevar os juros mais acentuadamente, diminuiu a tolerância ao risco por parte dos investidores internacionais.

Com isso, ainda que os fundamentos econômicos do país estejam melhorando, boa parte dos investidores prefere se desfazer de ações de empresas e de títulos da dívida externa brasileira. É esse menor apetite por risco que explica a saída constante e crescente de recursos estrangeiros da bolsa paulista este ano. A saída de capital externo é um dos fatores que contribui para o péssimo desempenho acumulado no ano pela bolsa paulista. De janeiro até ontem, as ações de desvalorizaram 11,91%.

Outro exemplo da fragilidade

do país a eventuais turbulências externas ocorreu na sexta-feira, quando os rumores sobre a possibilidade de a Argentina não cumprir as metas acordadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e não obter empréstimos externos para cobrir o déficit externo pressionaram o mercado de câmbio e o dólar atingiu a cotação de R\$ 1,837, a mais alta desde seis de janeiro. Ontem, a moeda norte-americana chegou a ser negociada a R\$ 1,847 pela manhã, quando a Nasdaq operava em baixa. A cotação acabou recuando com a recuperação da bolsa eletrônica e com um aumento no movimento de contratação de câmbio por parte de exportadores.

Além disso, segundo analistas de mercado, teria colaborado uma operação de compra de cer-

ca de US\$ 100 milhões feita pelo Banco do Brasil e de uma transação feita pela francesa EDF, que teria trazido dólares para o Brasil para participar do leilão de compra das ações da Light, realizado ontem na bolsa paulista. Depois de um dia de fortes oscilações, o dólar fechou cotado a R\$ 1,825, com queda de 0,65% em relação à sexta-feira.

SINAIS DE OTIMISMO

A instabilidade é tanta que na véspera da reunião do Fed que vai decidir o futuro dos juros nos Estados Unidos, investidores no Brasil e no exterior deram sinais de surpreendente otimismo. O índice Dow Jones, que reúne as principais ações da velha economia negociadas na Bolsa de Nova York, fechou em alta de 1,87%. A Nasdaq subiu 2,23% e Bovespa

registrou alta de 4,12%. Conforme Roberto Dotta, da Tudor Asset Management, o mercado absorveu a possibilidade de o Fed aumentar 0,5 ponto percentual os juros norte-americanos, que passariam de 6% para 6,5% ao ano.

Dotta diz que um aumento de 0,25 ponto poderia não afastar o risco de um aumento na inflação nos Estados Unidos, um dos principais temores dos investidores. Além disso, uma elevação de 0,5 ponto percentual é visto como um sinal de que o Fed não pretende voltar a elevar as taxas tão cedo. Na semana passada, o comportamento era oposto: as bolsas estavam em baixa, porque a expectativa era de que um aumento nos juros provocaria uma migração de recursos do mercado acionário para os títulos do governo dos Estados Unidos.